

# Trajetórias históricas da pecuária familiar e processos de mudanças na Campanha Gaúcha/RS

Tatielle Belem Langbecker<sup>1</sup>  
Alessandro Porporatti Arbage<sup>2</sup>  
João Garibaldi Almeida Viana<sup>3</sup>

Submissão: 28/09/2021

Aceite: 10/11/2021

## Resumo

O cenário agropecuário brasileiro tem sido marcado por sistemas produtivos cada vez mais intensivos em tecnologia. Porém, a heterogeneidade do rural traz a multiplicidade de sistemas produtivos, nem sempre reconhecidos, como por exemplo, a pecuária de corte na Região da Campanha no RS. Tendo em vista tal diversidade, este artigo tem como objetivo geral: identificar mudanças nos processos produtivos da pecuária familiar através de suas trajetórias históricas na Campanha Gaúcha do RS. O aporte teórico utiliza conceitos orientadores da economia evolucionária para a interpretação da realidade empírica. Nos procedimentos metodológicos, optou-se pela abordagem qualitativa e estudo de casos múltiplos. Identificou-se três casos a serem estudados, conduzidos através de entrevistas com pecuaristas familiares. Os dados foram analisados através das técnicas da análise de conteúdo temática. As categorias analisadas neste artigo foram: 1. Histórico familiar; 2. Trajetória na pecuária; 3. Práticas de gerações anteriores. Os históricos familiares evidenciam a presença geracional da pecuária dentre todos os entrevistados, embora alguns caminhos sejam distintos. Nas trajetórias dos próprios entrevistados na pecuária, alguns iniciam a atividade na propriedade da família, outros vinculam-se às trajetórias no trabalho rural e adquirem áreas próprias. Quanto às práticas de gerações anteriores, as percepções são variáveis, desde aqueles que presam por mudanças até aqueles relatam a continuidade de algumas práticas. A partir disso, os processos de mudanças na pecuária familiar podem ser percebidos como contínuos em suas trajetórias históricas, reafirmando sua capacidade de adaptação e cuidados em introduzir mudanças em seus sistemas produtivos que os descaracterizem.

**Palavras-chave:** Pecuária familiar. Economia Evolucionária. Processos. Dinâmica familiar.

## *Historical pathways of family livestock and processes of changes in the Campanha Gaúcha/RS*

### Abstract

*The Brazilian agricultural scenario has been marked by production systems that are increasingly technology intensive. However, the heterogeneity of the rural brings the multiplicity of production systems, not always recognized, such as beef cattle in the Region of Campanha in RS. In view of such diversity, this article has as general objective: to identify changes in the productive processes of family livestock through their historical trajectories in the Campanha Gaúcha do RS. The theoretical framework uses guiding concepts of evolutionary economics for the interpretation of empirical reality. In the methodological procedures, a qualitative approach and multiple case study were chosen. Three cases were identified to be studied, conducted through interviews with family farmers. Data were analyzed using thematic content analysis techniques. The categories analyzed in this article were: 1. Family history; 2. Trajectory in livestock; 3. Practices from previous generations. Family histories show the generational presence of livestock among all respondents, although some paths are different. In the trajectories of the interviewees themselves in cattle raising, some begin their activity on family property, others are linked to trajectories in rural work and acquire their own areas. As for the practices of previous generations, the perceptions are variable, from those who insist on changes to those who report the continuity of some practices. From this, the processes of change in family livestock can be*

---

<sup>1</sup>Doutorado em Extensão Rural (UFSM). Professora da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). <https://orcid.org/0000-0003-0389-6642> Email: [tatielle.belem@gmail.com](mailto:tatielle.belem@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutorado em Administração (UFRGS). Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). <https://orcid.org/0000-0001-8797-7057>. Email: [aparbage@yahoo.com.br](mailto:aparbage@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Doutorado em Agronegócio (UFRGS). Professor da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA). <https://orcid.org/0000-0002-8400-3166>. Email: [joaoviana@unipampa.edu.br](mailto:joaoviana@unipampa.edu.br).

*perceived as continuous in their historical trajectories, reaffirming their adaptability and care in introducing changes in their production systems that de-characterize them.*

**Key words:** Family livestock. Evolutionary Economics. Law Suit. Family dynamics.

## 1 Introdução

Desde o período da modernização agrícola, o cenário agropecuário brasileiro tem perpassado por várias mudanças ao longo das décadas, consolidando sistemas produtivos intensivos tecnologicamente. Esse modelo intensivo de agricultura fornece o suporte para a produção de *commodities*, que atende ao mercado globalizado, estando associado à alta capacidade de mudanças e inovações radicais (ELIAS, 2016). Em contrapartida, os sistemas produtivos rurais não se resumem a tal modelo. A realidade é múltipla revelando a heterogeneidade de formas de produzir.

No entanto, algumas atividades produtivas, por vezes, são erroneamente caracterizadas como homogêneas, a exemplo da bovinocultura de corte, e quando reconhecidas algumas singularidades, afirma-se uma dicotomia entre atividades atrasadas e modernas. Mielitz (1995) há mais de duas décadas já questionava algumas generalizações acerca da bovinocultura de corte, como homogeneidade, estagnação e resistência às inovações, sinalizando, a partir de suas investigações, particularidades pouco discutidas.

Com o avanço dos estudos sobre a pecuária de corte, no Rio Grande do Sul, pôde-se descrever um tipo específico de pecuarista encontrado na Metade Sul do Estado: o pecuarista familiar (RIBEIRO, 2009). Embora presente historicamente na trajetória e formação do Estado, apenas no início dos anos 2000 tem sua identificação institucional conduzida pela Associação Riograndense de Empreendimentos, Assistência técnica e Extensão rural (EMATER). A iniciativa resultou na promulgação da Lei Estadual Nº 13.515 de 2010 que delimita as características dos pecuaristas familiares a serem alcançados pelo Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar (PECFAM) (RIO GRANDE DO SUL, 2010) e contribui para desmistificar a ideia de homogeneização das atividades produtivas do Pampa Gaúcho.

Ainda assim, em alguns momentos a pecuária familiar é interpretada como uma atividade que não avança na adesão de tecnologias, pouco mudando seus sistemas produtivos. Contudo, o espaço agrário em que está inserida, o Bioma Pampa, tem sofrido inúmeras transformações econômicas e produtivas, ao mesmo passo que a pecuária familiar apresenta evidências documentais de sua existência desde o século XVIII (OSÓRIO, 2016). Assim, reconhecendo as constantes mudanças em termos técnicos e produtivos, observa-se que as respostas dos

pecuaristas familiares, quanto às suas escolhas produtivas e mercantis, por exemplo, percorrem um percurso de transformação e adaptação ao longo do tempo, pois sua manutenção é uma evidência da sobrevivência às mudanças correntes.

Em termos teóricos, a discussão se aproxima da economia evolucionária e a atesta como base interpretativa da realidade analisada. A economia evolucionária, baseia-se na mudança contínua, admitindo as diferenças entre as realidades econômicas: enquanto algumas são conduzidas por inovações rápidas e contínuas, outras apresentam movimentos limitados (NELSON, 2018).

Parafrazeando Winter (2017, p.1), a realidade da pecuária familiar estaria próxima de processos permeados por “misturas intermináveis, fascinantes e muitas vezes paradoxais de mudança e continuidade”, ainda mais pensando o espaço agrário em que se insere. Nesse rol teórico, a path dependence esclarece a permanência de algumas características, recursos e práticas organizacionais que perduram ao longo do tempo, independentemente de sua eficiência, bem como enrijecem os processos de mudanças, sejam tecnológicas, institucionais ou cognitivas (VERGNE; DURAND, 2011).

Desta forma, considera-se relevante entender os processos de adaptação das unidades de produção, tendo em vista que as firmas e suas trajetórias, inseridas em ambientes de incertezas, estão em constante busca para permanecerem em suas atividades. O ambiente de seleção (competição) ao qual estão submetidas, seja relacionado com o mercado ou ambiente institucional, demanda mudanças e processos inovativos que proporcionem variações nas rotinas e, assim, contribuam com a continuidade das atividades produtivas.

Portanto, para entender como ocorre a adaptação da pecuária familiar na Campanha Gaúcha frente ao cenário recente de mudanças econômicas e produtivas, o objetivo geral deste artigo centra em identificar mudanças nos processos produtivos da pecuária familiar através de suas trajetórias históricas na Campanha Gaúcha do Rio Grande do Sul. A partir disso, as evidências sobre os processos de mudança da pecuária familiar serão percebidas como contínuas em suas trajetórias históricas, reafirmando sua capacidade de adaptação e cuidados em introduzir mudanças em seus sistemas produtivos que os descaracterizem.

## **2 Economia evolucionária: caminhos e desafios para a dinâmica agrícola**

A economia agrícola e sua gama de problemáticas tem despertado interesses por parte da abordagem evolucionária. Na década de 1980, antes mesmo da publicação seminal de Nelson

e Winter em 1982, o professor de economia da University of Colorado, Kenneth Boulding publicou artigo destacando a importância em trazer uma perspectiva evolucionária para a economia agrícola. No artigo, o autor aponta conceitos, como população e espécie, para explicitar a amplitude dessas noções, inclusive como explicativas à evolução social, e retoma aspectos da evolução humana enfatizando a capacidade exclusiva da espécie em desenvolver estruturas cognitivas e valorativas. Nesse rol, destaca que o próprio surgimento da agricultura demarcou a seleção e recombinação de várias espécies biológicas (BOULDING, 1981), visto o desenvolvimento das capacidades humanas.

Redirecionando, sobretudo, a discussão às evidências que aproximam a agricultura à perspectiva evolutiva, Boulding (1981, p. 792) assinala:

Em primeiro lugar, a agricultura é o único setor da vida econômica que está inescapavelmente próximo dos processos biológicos e no qual, portanto, as relações entre a evolução biológica e a societária são de particular importância. A agricultura consiste, na verdade, na aplicação do conhecimento humano à mudança dos parâmetros dos ecossistemas em habitats particulares [...]. É claro que a agricultura deve ser vista como parte do processo evolutivo geral do planeta, que mudou profundamente seu aspecto e seus ecossistemas, principalmente por meio da seleção, em resposta às avaliações humanas.

Os argumentos do autor são nítidos quanto à aproximação entre a dinâmica agrícola e uma leitura evolucionária de seus aspectos econômicos e, até mesmo, biológicos, guardadas as devidas particularidades, como ele mesmo aponta. Em esforço semelhante, Possas, Salles-Filho e Silveira (1996) aproximam a discussão sobre inovações e trajetórias tecnológicas na agricultura à perspectiva evolucionária neoschumpeteriana. O reconhecimento da diversidade dos atores e das estratégias de inovação é fundamental, bem como auxilia a desmistificar a ideia da agricultura como receptora ou, como os autores comentam, “tomadora de inovações”.

Certamente que as influências e coerências entre um regime tecnológico e suas trajetórias tecnológicas criam o que parte da literatura trata como pacote tecnológico a ser difundido mundialmente. Contudo, a noção de trajetórias tecnológicas abre espaço para admitir uma fuga ao determinismo apontando a necessidade de reconhecer, pelo menos, três questões: é falso considerar uma única trajetória tecnológica na agricultura; as trajetórias tecnológicas devem ser entendidas como tendências dinâmicas de mercado que mostram caminhos a serem seguidos dados os movimentos de busca e seleção; e a inter-relação das trajetórias industriais com os mercados deve ser considerada (POSSAS; SALLES-FILHO; SILVEIRA, 1996).

Vieira Filho e Silveira (2011, p. 267) também aplicam a economia evolucionária para compreender a mudança tecnológica na agricultura, sobretudo, em relação às influências dos

processos de aprendizagem. Segundo os autores, a acumulação de conhecimento é determinante para as inovações na agricultura, visto que os resultados em produtividade se relacionam às habilidades do agricultor em apreender novas informações e à “habilidade gerencial do uso do conhecimento tecnológico”. Com base nisso, elaborou-se um Modelo Evolucionário de Aprendizado (MEA) que identifica o agricultor como um dos promotores de discontinuidades tecnológicas, ainda que o progresso técnico advenha do setor fornecedor.

Em termos teóricos, Vieira-Filho e Silveira (2011, p. 293-294) reforçam a insuficiência em reduzir a agricultura como dominada pelos fornecedores para explicar a complexidade dos “arranjos produtivos de ciência e tecnologia voltados ao crescimento agrícola”. Afinal, a mudança tecnológica da agricultura contempla, além dos fatores externos à atividade produtiva, “os processos de aprendizagem, geração de conhecimento e difusão”. Esses processos distinguem as orientações dos agricultores, classificando-os como imitadores ou inovadores.

Nota-se que os autores anteriores vêm apontando elementos convergentes à realidade agrícola geral com a economia evolucionária, evidenciando as potencialidades dessa abordagem. Nesse contexto, Freitas (2013) traz a discussão para a realidade agrícola brasileira, assinalando a inserção de tecnologias para o setor como importante ferramenta aos ganhos de competitividade; retoma conceitos evolucionários revelando as dinâmicas nas propriedades rurais decorrentes dos movimentos que circundam as rotinas estimulados pelas inovações:

O aprimoramento tecnológico pode gerar uma nova rotina na propriedade rural, o que contribui para a evolução. A implantação da nova tecnologia considerará o caráter path dependent dos produtores rurais. Por isso, o feedback das decisões tomadas no passado e seus efeitos devem ser considerados e servem de base para o processo de aprendizado (FREITAS, 2013, p. 147).

No Brasil, as propriedades rurais com produção em escala caracterizam-se por apresentar maior nível tecnológico, adaptando-se, mais facilmente, às novas tecnologias, ao passo que nas pequenas propriedades o nível tecnológico é mais dependente de fatores como condições regionais, especificidades dos cultivos, qualificação do produtor rural, acesso às informações e capitalização. Ainda assim, a dinâmica tecnológica agrícola brasileira, independentemente do tipo de agricultor, sujeita-se aos incentivos e financiamentos tanto das poucas empresas que dispõe de tecnologias, como do governo que historicamente é estimulador da modernização agrícola (FREITAS, 2013).

Estudos evolucionários têm permeado realidades agrícolas específicas, como pode ser visto em Viana e Waquil (2014). A tese do autor compara as trajetórias de mudança histórica, econômica, institucional da ovinocultura do Rio Grande do Sul e Uruguai avaliando os impactos

sofridos pelo setor após a crise da lã. O perfil semelhante entre os produtores das duas regiões, a diversidade de estruturas fundiárias e de configurações produtivas em que é desenvolvida a ovinocultura, o path dependence como delineador da realidade atual da atividade e a insuficiência de variáveis econômicas e produtivas para realizar projeções de aumento da produção, são exemplos das constatações que destacaram a aplicabilidade da economia evolucionária em estudos das dinâmicas agrícolas.

A tese de Oliveira (2014) também aplica conceitos evolucionários na realidade agrícola, especificamente no contexto de inovações na vitivinicultura na Serra Gaúcha. Nesta pesquisa, é investigado o processo decisório no âmbito da adoção de inovações associando teoria evolucionária, teoria da perspectiva e economia dos custos de transação. A tríade teórica enfatizou a importância em estabelecer diálogos entre os diferentes campos, instigando novas combinações teóricas; em termos empíricos, identificou decisões heurísticas que dificultam o alinhamento quanto à adoção de inovações. No âmbito da economia evolucionária, o path dependence é apontado como fator contributivo na caracterização dessas decisões.

No que tange a relação das firmas agrícolas com inovações, Milone (2009) ao tomar por base o aporte teórico neoschumpeteriano, as identifica, em maioria, como incrementais. Conforme o autor, as inovações incrementais abrangem desde as unidades de produção que pouco inovam até aquelas que inovam de modo a manterem-se estrategicamente na atividade em acordo com suas relações com o meio ambiente e com os recursos dispostos. Para a manutenção estável ao longo do tempo são necessários ajustes, pois, por mais que o ambiente em que a firma se insere permaneça constante, as condições e tendências globais podem provocar instabilidades. Desta forma, as inovações incrementais sustentam estrategicamente a manutenção da firma.

Partindo do esclarecimento sobre as inovações incrementais, há considerável probabilidade de uma dinâmica agrícola apresentar maior número de produtores reprodutores, ou imitadores (ALDRICH; MARTINEZ, 2007; FREDIN, 2013). E, além disso, é essencial enfatizar as especificidades rurais que, em âmbito industrial ou urbano, não estariam relacionadas aos potenciais inovadores.

Ademais, a discussão sobre o acesso aos recursos no rural remonta a uma realidade de escassez, contestada por autores como Alsos, Carter e Ljunggren (2014). De acordo com os autores, a riqueza de recursos não está associada ao acesso irrestrito de recursos, mas ao aproveitamento dos recursos dispostos. Percebe-se o acesso aos recursos locais como oportunidades desfocando a atenção na provável limitação em outros recursos. Isso condiz com

as observações de Milone (2009) sobre as distintas respostas da agricultura que focam em usos alternativos, e criativos, dos recursos disponíveis internamente à propriedade rural; esses “rearranjos” conversam com a renovação paradigmática na agricultura trazida pelo autor.

Nesse sentido, reconhecer a diversidade (METCALFE, 2008) e as especificidades (MCELWEE, 2006) das dinâmicas agrícolas retoma a fala de Winter (p. 2017) sobre as “misturas intermináveis, fascinantes e muitas vezes paradoxais de mudança e continuidade”. Estas são interpretadas, por este artigo, como delineadoras dos movimentos que acompanham as mudanças econômicas e auxiliam nas reconfigurações de paradigmas tecnológicos, direcionados a alcançar as “novas” demandas baseadas na função de sustentabilidade da agricultura em sistemas produtivos rurais.

Por fim, os esforços para conciliar a realidade agrícola com a perspectiva evolucionária têm revelado avanços. Os estudos apresentados trouxeram importantes contribuições assimilando a dinâmica rural com conceitos evolucionários como conhecimento, aprendizado, path dependence e a relação com aspectos institucionais. Os constructos citados são assumidos por este artigo como constituintes das trajetórias históricas e processos inovativos.

## 2.1 Path dependence e instituições: conceitos orientadores de mudanças

A *path dependence*, ou dependência de trajetória, atesta a importância atribuída à história, pois as condições de rotinas e investimentos passados delimitam a conduta futura (TEECE, 2005). Essa condição evidencia que a evolução de uma firma não é aleatória em tempo e espaço; sua evolução está condicionada pelo acúmulo de competências, assim como pela natureza de seus ativos. É fundamentado nessas condições que a explicação evolucionária pressupõe um caráter endógeno nas condições de mudanças (TIGRE, 1998).

Ainda que se considere os movimentos de mudanças nas trajetórias, a história os condiciona, especialmente, ao referir que parte significativa das possibilidades de aprendizado estão circunscritas às mediações da firma. Considerando que o processo de aprendizado demanda experimentações, caso estejam ocorrendo múltiplas mudanças no mesmo momento, as dificuldades para retenção de aprendizado, por intermédio de “semiexperimentos”, passam a ser mais acentuadas (TEECE, 2005).

Nesse sentido, a introdução de inovações e as mudanças técnicas também estão condicionadas à *path dependence* e à interdependência com outras inovações. Ainda que nas economias de mercado as inovações sejam recorrentes, não pode se afirmar a sua continuidade,

atestando a relação com a *path dependence*. Algumas inovações e mudanças podem ocorrer de acordo com a trajetória presente, enquanto outras dependem das discontinuidades decorrentes das saturações ao longo de uma trajetória tecnológica (PEREZ, 2010).

Já as instituições, a pesar de não serem tratadas como unidades específicas de análise pelos neoschumpeterianos, “constituem-se em elementos indissociáveis do processo dinâmico de crescimento, desenvolvimento e mudança tecnológica”, pois mesmo considerando as irregularidades do sistema, as instituições guardam padrões de comportamento e de evolução que desvendam certa estabilidade. Há uma relação direta entre aprendizado e mudança institucional. Afinal, para que ocorram mudanças é necessário presumir o aprendizado individual, pois “as instituições só podem mudar pela ação humana” (FILIPE, 2017, p. 23).

A mudança individual não é suficiente; o nível coletivo deve ser alcançado e, mais, considerando que a lógica *path dependence* permeia as instituições, as mudanças de trajetória serão efetivadas somente quando alcançarem “profundos processos de aprendizado, de conhecimento e de ação coletiva” (FILIPE, 2017, p. 23). Percebe-se que as instituições agem diretamente nos processos de mudanças; e para contemplar todo o escopo alcançado pelas influências institucionais, especialmente em termos de aprendizado, conhecimento e mudanças, Filipe (2008) afirma a necessidade de um amplo entendimento sobre as instituições, alcançando as esferas regulativas, normativas e cognitivas.

### **3 Caminho metodológico**

Esta pesquisa fundamentou-se em uma abordagem qualitativa por permitir o questionamento de “algumas certezas falsas e algumas formas de leitura espontânea e ilusória do social para deixar ver o que ocorre realmente e está debaixo de nossos olhos”. Além disso, a pesquisa qualitativa traz “novos sentidos aos problemas” por meio da compreensão dos significados das especificidades socioculturais (PIRES, 2008, p. 57).

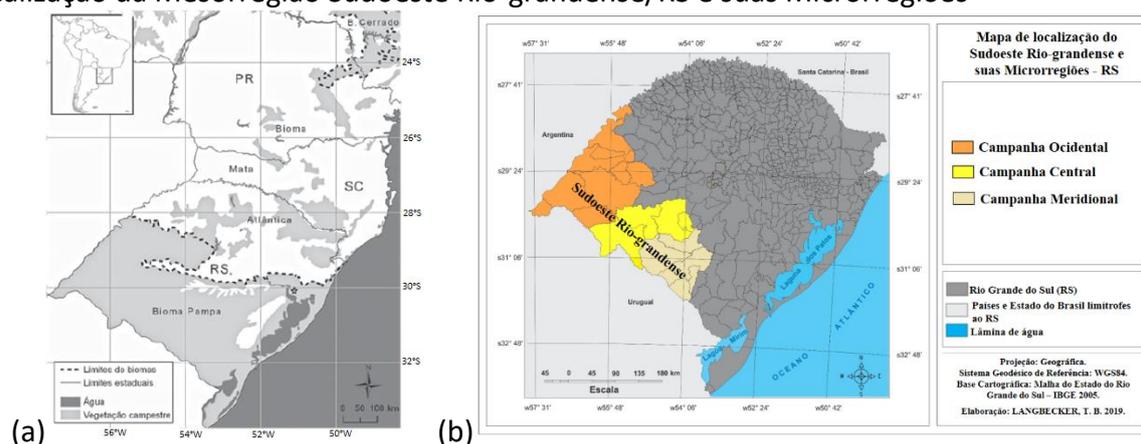
A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. A pesquisa exploratória aproxima o pesquisador com a problemática em estudo oferecendo aporte de planejamento para estudos descritivos ou experimentais. E a pesquisa descritiva busca o conhecimento sobre as diferentes características da população analisada possibilitando o estabelecimento de relações entre as variáveis estudadas (TRIVIÑOS, 1987).

Como estratégia de investigação definiu-se o estudo de casos múltiplos, pois centra seus esforços na complexidade dos fenômenos sociais, permitindo várias possibilidades de construção

do conhecimento (YIN, 2015). Neste estudo foram definidos três casos para estudos, cada um deles referentes a uma iniciativa de processo inovativo na pecuária familiar: Caso 1/*Associação de Produtores do Rincão do 28* e a venda conjunta de carneiros (Alegrete/RS), Caso 2/pastoreio rotativo em unidades participantes no RS Biodiversidade (Alegrete/RS) e Caso 3/processo de cruzamento genético em ovinos (Santana do Livramento/RS).

Os municípios estão localizados na Região da Campanha Gaúcha, inserida na porção brasileira do Bioma Pampa (Figura 1a) e delimitada pelo IBGE como Mesorregião do Sudoeste Rio-grandense (Figura 1b). O Bioma Pampa é caracterizado por suas regiões pastoris que se estendem pela porção Sul do RS, ocupando 63% do território estadual, pela República Oriental do Uruguai e pelas “províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entreríos e Corrientes” (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p. 43).

Figura 1 – (a) Vegetação campestre no Sul do Brasil e porção brasileira do Bioma Pampa; (b) Localização da Mesorregião Sudoeste Rio-grandense/RS e suas Microrregiões



Fonte: (a) Overbeck *et al.* (2015, p.35); (b) Elaboração própria (2019) com base em IBGE (2005).

Os primeiros contatos da pesquisa iniciaram em agosto de 2019 e as entrevistas iniciaram em novembro de 2019, sendo estendidas até janeiro de 2020. Os casos foram identificados através de vários informantes-chave<sup>4</sup> envolvidos com pesquisa, extensão e assistência técnica na pecuária familiar. Os informantes identificaram em torno de 15 processos inovativos a serem investigados na pecuária familiar, o que já na fase exploratória da pesquisa, indicou a ocorrência de mudanças e inserção em processos inovativos. A escolha dos casos buscou contemplar tipos diferentes de processos inovativos (comercialização/organização, processo, produto/processo).

<sup>4</sup> Destaca-se a fundamental participação da Fundação Maronna (<https://fundacaomaronna.org.br/>) proporcionando vários contatos, cedendo espaço em reuniões, além de alojamento e alimentação para a pesquisadora. Também se destaca o acesso a rede de contatos proporcionado pelo projeto Nexus Pampa (<https://www.ufsm.br/grupos-de-pesquisa/nexuspampa>) e a disponibilidade de recursos financeiros para a realização de parte da pesquisa.

Foram realizadas 20 entrevistas com pecuaristas familiares, sem contar as entrevistas e conversas com pessoal técnico e informantes-chave. Estas foram distribuídas nos três casos (oito no caso 1, cinco no caso 2 e sete no caso 3), gravadas e realizada a transcrição dos áudios.

A sistematização e análise dos dados seguiu as orientações de Bardin (2016) direcionadas à análise de conteúdo temática (ou categorial) e utilizou o software Atlas.ti 7.5 para auxiliar na organização dos dados. As entrevistas passaram pela leitura flutuante, desmembramento em unidades de registros (trechos das entrevistas) e organização em categorias de análise, previamente elaboradas pela construção do instrumento de pesquisa, assim como, obteve-se novas categorias emergentes da pesquisa. O total de 58 códigos (ou categorias) foi distribuído em sete famílias de códigos. Este artigo discute a família de códigos intitulada “trajetórias na pecuária”, formada por três categorias: 1. Histórico familiar; 2. Trajetória na pecuária; 3. Práticas de gerações anteriores.

#### **4 Trajetórias históricas e as mudanças intrínsecas ao percurso**

A primeira categoria analítica (Histórico familiar) busca a herança familiar na pecuária seja por meio da propriedade de terras ou pela prestação de serviços; a segunda (Trajetória na pecuária) avança na história, trazendo elementos das trajetórias particulares de cada entrevistado e, por último, a terceira categoria (Práticas de gerações anteriores) identifica as primeiras nuances de rupturas e continuidades com práticas de uma pecuária no passado. Esse esforço é apresentado separadamente para cada caso estudado.

##### **4.1 Trajetórias na pecuária: participantes da *Associação de Produtores do Rincão do 28* em Alegrete**

A *Associação de Produtores do Rincão do 28* localiza-se no interior do município de Alegrete, é composta por aproximados 12 associados pecuaristas familiares e foi formalizada no ano de 2011. No entanto, em 2006 a Fundação Maronna, articuladora dos pecuaristas familiares, iniciou sua aproximação buscando entender as necessidades dos pecuaristas circunvizinhos à fundação. Primeiro foram atendidas as necessidades estruturais, como estradas e acesso à rede de energia elétrica; na sequência, os pecuaristas participarem de cursos diversos nas áreas técnicas e de gestão na pecuária. Em um terceiro momento, iniciaram as ações focando na padronização de terneiros (pelagem, peso, tamanho) para a venda coletiva.

Mas antes dessa experiência específica em um processo inovativo, a trajetória histórica dos entrevistados na atividade, evidenciou processos de mudanças contínuos ao longo de suas trajetórias. A evolução de uma firma (unidade de produção familiar) não é aleatória no tempo ou espaço e está sujeita ao acúmulo de competências e aprendizados (TEECE, 2005; TIGRE, 1998) presentes na geração atual.

As diferentes origens na atividade (histórico familiar), tal como o contato com o cenário de mudanças, podem desdobrar em distintos modos de absorver os novos aprendizados, condutores das mudanças nas rotinas da pecuária. Entretanto, seja por propriedade de terra em mais de uma geração antecessora ou aqueles que a geração anterior era prestadora de serviços (peão, capataz), todos carregam traços das rotinas da mesma atividade, a pecuária, observadas em suas narrativas.

O entrevistado 01 resgatou em seu histórico familiar duas gerações, dentre as quais a primeira associa o trabalho do seu avô na prestação de serviços na área de segurança rural (“tipo de delegado da região”, nas palavras do entrevistado), datada do final do séc. XIX e início do séc. XX). A geração dos seus pais trabalhava na pecuária, mas o entrevistado não mencionou a propriedade dos seus pais como originada de seus avós; apenas destacou que a maioria dos 23 filhos do avô, oriundos de dois casamentos, ficaram na pecuária no Rincão do 28. Já em relação aos seis irmãos, apenas o entrevistado e um irmão ficaram na atividade; o irmão permanece na área do falecido pai e o entrevistado trabalha em área arrendada, tendo adquirido uma quarta parte (100 hectares) da atual dona das terras.

O histórico familiar da entrevistada 02 reforça o grande número de filhos em épocas anteriores (16 filhos) ressaltando que os pais possuíam uma pequena propriedade rural e o pai trabalhava como capataz em estância vizinha. Esse contexto ilustra uma das origens da pecuária familiar trazida pela literatura: trabalhadores de estâncias que adquiriam pequenas glebas de terras para a criação de bovinos de corte (FERNANDES; MIGUEL, 2016). Já a relação do marido da entrevistada é associada à atividade pecuária própria da família. A entrevistada comenta que a visão anterior às mudanças na atividade era embasada em um discurso tradicional de continuidade do modo de fazer pecuária (ou o que vem sendo chamado de resistência às mudanças).

O entrevistado 04 relata que seus pais também foram oriundos de famílias com grande número de filhos restando praticamente nenhuma herança. Desta forma, os pais trabalharam no rural e, ao final da vida, arrendaram campo para a criação, conseguindo adquirir uma pequena parcela de campo, recebida de herança pelo entrevistado.

O entrevistado 07 recebeu a propriedade da terra por herança, enquanto seu pai realizou a compra da terra de seu avô. O arrendamento e a compra de terras diretamente da geração anterior foram constatados como dinâmicas presentes dentre os entrevistados, inclusive, o entrevistado 03 também citou semelhanças. Os demais entrevistados deste caso, ao serem questionados se a atividade vinha de gerações anteriores, mencionaram que tanto seus avôs quanto seus pais já desenvolviam a pecuária.

Após verificar a relação histórica com a pecuária e as gerações anteriores, questionou-se sobre a trajetória particular dos entrevistados na atividade. O entrevistado 01, após finalizar a graduação em medicina veterinária, possuía uma média entre duas e três vacas nos campos do pai. Com o passar do tempo, foi aumentando a quantidade de animais e ao alcançar 20 cabeças de gado o pai sugeriu que retirasse esses animais de suas terras e levasse para uma área arrendada próxima da cidade. Após alguns anos, ele adquiriu mais animais em decorrência da atividade como veterinário. Em seguida, o pai vendeu o rebanho próprio para se mudar para a cidade e após algumas negociações arrendou o campo para o entrevistado e seu irmão.

A entrevistada 02 considera ter ingressado na atividade a partir de seu casamento, pois foi morar com o marido na propriedade dos sogros. Essa percepção tem sido constatada em trabalhos direcionados às mulheres na pecuária familiar, já que o casamento tem sido referenciado como uma forma de ingresso em várias atividades da lida de campo (LANGBECKER, 2016), como ocorreu com a entrevistada que passou a ser a principal inseminadora da propriedade. Assim que os sogros foram para cidade, o marido e o cunhado arrendaram as terras do pai em parceria, permanecendo o casal residente na propriedade.

A entrevistada também trouxe algumas dificuldades do início da trajetória na pecuária, mencionando que em alguns meses era necessário levar à cidade algum ovino, destinado ao consumo, para conseguir pagar as contas e retornar sem dívidas. Esse pecuarista familiar passou a ser visto como referência para outros pecuaristas da associação, dadas as mudanças significativas que ocorreram em sua trajetória motivada por sua inserção na associação e nos processos inovativos proporcionados.

Assim como a entrevistada 02 salientou a inserção na pecuária a partir do casamento, dois entrevistados expõem que o início das atividades próprias nos estabelecimentos atuais também ocorreu com o casamento, ainda que antes já desenvolvessem a pecuária, junto à família ou na prestação de serviços a terceiros, mencionando a relação de infância com a atividade (entrevistados 04 e 05). Essa questão se observa em vários momentos em que os

entrevistados destacam que “Nasci e me criei no campo”; “Já nasci no campo”, “Fui nascido e criado aqui”, “eu me criei e trabalhei com meu pai”.

O entrevistado 04 comenta que desde criança foi envolvido com a atividade possuindo alguns animais (“duas, três” *vacas*) ofertados pelo seu pai, acrescentando mais três ou quatro ao completar a maioria. A trajetória do entrevistado se inicia com a prestação de serviços em propriedade de terceiros, criando os animais próprios nos campos dos patrões. As duas dinâmicas expostas, receber animais de familiares e criar em terras dos patrões, são variações históricas encontradas dentre os pecuaristas familiares, além de atestar os processos de mudanças ocorridos, pois hoje o entrevistado desenvolve atividade própria.

Em suas trajetórias na pecuária, os entrevistados 06 e 08 saíram dos estabelecimentos rurais de origem e foram trabalhar em outras propriedades rurais. O entrevistado 06 trabalhou em lavouras de soja e arroz, em outros municípios, durante aproximados 9 anos, mas manteve por volta de 40 reses em campos arrendados. Entre 2002 e 2003, voltou para o município de Alegrete passando criar com o seu pai. Já o entrevistado 08 se afastou por um ano, depois retornou e se afastou novamente por mais quatro anos, retornando definitivamente em 1993 com 31 hectares de herança e, posterior, compra de mais dez hectares. E, a trajetória do entrevistado 07 se diferencia dos demais, pois ele foi para a cidade realizar seus estudos e retornou para a atividade em 1994 iniciando a criação junto do pai.

Em suma, verifica-se duas principais dinâmicas quanto à trajetória na pecuária dos entrevistados participantes da *Associação de Produtores do Rincão do 28*: aqueles que permaneceram nas propriedades de origem e aqueles que trabalharam em outras atividades, seja na pecuária, agricultura ou veterinária, estabelecendo após um tempo sua própria atividade seja em terras da família ou adquiridas de terceiros.

Por fim, questionou-se sobre a permanência de práticas na pecuária aprendidas com as gerações anteriores, no intuito de identificar as relações entre passado e práticas atuais. Observa-se nos depoimentos que a maioria destaca aplicar algumas práticas apreendidas com as gerações anteriores, contudo, os comentários trazem as mudanças ocorridas na trajetória de suas atividades. O entrevistado 01 versa sobre as práticas da pecuária em períodos anteriores apontando um panorama geral sobre aspectos que eram realizados e hoje em dia foram modificados. Isso enriquece a discussão e aproxima a observação das mudanças que ocorrem entre cenários anteriores e atuais nas práticas (rotinas) da pecuária:

O custo de produção era muito baixo, os impostos que tu pagava sob a produção era pequeno então tu tinha... o meu pai entourava vacas [...], cansei de ver vacas com cinco ano sem produzir, hoje em dia não pode mais... mas porque, porque não precisava. [...] De cada 100 cabeças, talvez 10, 8 bichos tu pagava todos os teus compromissos né, falando em impostos e tudo [...] Essas coisas que mudaram. Foi bom nesse sentido porque obrigou o pessoal a mudar também né, naquela maneira não dava [...]. Não fazia maiores esforços pra poder salvar um animal né. [...] Então às vezes [...] tu simplesmente ir ali trazer ele e curar ele, fazer um remédio para salvar ele, tu está sabendo que se tu não fizer tu está perdendo. Então, tudo isso mudou. [...] Cansei de ver quebrar animal, saírem tudo quebrado, caminhavam um pouco e morriam. Hoje em dia não tem mais isso né! [...]. Então por que não fazem? Porque foi ajustando tanto, que se deixasse como era antigamente talvez eles fizessem... se morrer quatro ou cinco não tem problema, os outros cobrem.

O modo de fazer pecuária recorre ao que a literatura tem registrado como pecuária tradicional, em que a preocupação em deixar fêmeas sem produzir no campo era mínima (agravadas dadas as condições precárias do campo), assim como a morte de um animal não era contabilizado como perdas. Afinal, “se morrer quatro ou cinco não tem problema, os outros cobrem”. Refletindo a partir de Fontoura (2005), esses poderiam ser exemplos das rotinas, sejam reprodutivas, sanitárias ou gerenciais originadas na forma como a pecuária era conduzida, especialmente, por ser entendida como uma atividade destinada ao autoconsumo e alimentação da mão de obra das estâncias.

Observa-se que o entrevistado está se referindo às décadas de 1960 a 1980, enquanto a literatura reporta essas dinâmicas ao século XVIII e XIX. Nos anos 1960, mais próximos de suas experiências vivenciadas na propriedade rural e, na década de 1980, refere-se aos primeiros contatos que teve com outros pecuaristas na tentativa de vender produtos veterinários que auxiliassem, por exemplo, no ciclo reprodutivo. Contudo, enfatiza que pouco foi recebido por pecuaristas que notassem a necessidade de inclusão de tecnologias à melhoria da atividade, o que se constata em conversa que teve com um desses pecuaristas: “Não preciso de vaca dar cria, nós temos trezentos e eu não tenho campo, meu campo não aumenta, eu vou ter que arrumar campo pra botar mais trezentos, pra mais trezentos que nascerem”.

Em outras palavras, a produção permeava uma lógica distante de quaisquer ciclos comerciais ou de venda dos animais na propriedade e sim de acumulação: a lógica de poupança. É importante destacar que nos dias de hoje parte desta lógica permanece, dentre os pecuaristas, inclusive dentre os entrevistados; embora tenha sido modificada, a ideia de permanecer com alguns animais que sirvam de “poupança” ou “reserva”, como estratégia de manter a autonomia frente ao mercado, é recorrente e característica da pecuária familiar (RIBEIRO, 2009).

A continuidade por parte dos pecuaristas familiares, em buscar uma margem de segurança por meio dessa reserva, é compreendida, sobretudo, como uma rotina estratégica na

continuidade da atividade. Isso teoricamente pode ser compreendido pela ideia de rotinas como memórias das organizações (aqui representadas pelas unidades familiares da pecuária de corte) e procedimentos operacionais (MILAGRES, 2014), e pelo *path dependence* que esclarece a permanência de algumas dessas rotinas ao longo dos períodos.

A entrevistada 02 complementa a discussão quando menciona que o difícil não foi seu marido entender a necessidade de mudar, mas o processo de mudança que foi complexo: “Deixavam ali no campo [...] repetia cria (vacas), às vezes no outro ano ficava falhada ali no campo sem te dar retorno [...]. Ele (marido) que já veio da geração que era, se criou com o pai dele né [...], aí como o pai dele criava assim, aí ele foi fazendo né. E achava que estava certo”.

De modo semelhante, o entrevistado 03 destaca elementos das rotinas da pecuária, especialmente quanto ao manejo nutricional e sanitário (“não se dava remédio, não se fazia nada, não dava um sal”), e enfatiza a despreocupação com a mortalidade dos animais nas práticas das gerações anteriores. Outra questão mais permanente, no caso, é a secundarização dos cuidados com os ovinos, pois a prioridade acaba por ser aos bovinos: “Na ovelha mesmo, hoje trabalha pra não haver mortalidade de cordeiro. De primeiro morria cordeiro aí de monte”.

Inclusive, em reunião da associação esta discussão esteve presente no sentido de estimular os pecuaristas a “observarem” com mais atenção os ovinos em sua atividade, na tentativa de voltar o olhar para atividade como um passo seguinte às ações na associação. A secundarização da atividade é reforçada em depoimento de um dos entrevistados: “Eu não dou importância pra ovelha, eu não olho, até estou me corrigindo. [...] Ou pergunta de tal vaca, tal vaca assim tu viu? Aí eu sei (Entrevistado 01)”.

Essa relação com a ovinocultura como atividade secundária não é recente. No século XIX, é apontada por viajantes da época como atividade presente e complementar nas estâncias com foco para a alimentação e comercialização da lã. Ainda que a atividade tenha sido destaque economicamente na região da Campanha em tempos anteriores à crise da lã (VIANA, 2012), nota-se que a percepção sobre sua secundarização permanece. “Não olhar” para os ovinos remete às práticas e percepções dos pecuaristas familiares sobre a ovinocultura. Além disso, não trata apenas da percepção como complementar, mas como atividade “independente” que demanda poucos cuidados.

Pensando nisso e em um dos questionamentos propostos por Vergne e Durand (2011) sobre quais observações empíricas poderiam traduzir a existência de processos dependentes de caminhos, essa observação sobre a continuidade de uma “não prática”, aqui interpretada como

rotina, parece exemplificar um processo dependente das trajetórias que ultrapassam os limites da unidade familiar, traduzindo pontos comuns nas trajetórias da pecuária.

Ademais, a pecuária familiar tem demonstrado um ritmo mais vagaroso em seus processos de mudanças, ao compará-la a outros tipos de pecuária, corroborando com os ambientes indicados por Vergan e Durand (p. 13, 2011) como suscetíveis à presença de dependências de trajetórias anteriores, isto é, ambientes com frequência menor de “choques exógenos”, “velocidade mais baixa” às respostas de mudanças e de “crescimento orgânico”.

Em contrapartida, a maioria dos entrevistados deste caso destacou as mudanças que ocorreram nas práticas pecuárias, pouco associando as práticas de gerações anteriores aos dias atuais e, ainda, alguns participantes procuram a desconstrução em reproduzir a pecuária desenvolvida pelos avôs e pais: “Tu não podes criar como botavam na tua cabeça, o avô criava assim, o pai criava, eu vou criar! Descartar aquilo que infelizmente não vai dar certo e se tu for ver é verdade, porque realmente não dá (Entrevistado 04)”; “Aquilo que a gente usava naquela época, já não se usa mais (Entrevistado 05).

Os entrevistados 06 e 07 aproximaram um pouco mais os aprendizados anteriores às práticas atuais, mas de modo a indicar sua inserção na atividade a partir das gerações anteriores, considerando as técnicas atuais. O entrevistado 08 destaca algumas das ocorrências de antigamente no manejo reprodutivo, já citadas, salientando as mudanças presentes: “Hoje não pode ficar com a vaca que não está produzindo e antigamente botava em cria, se deu cria, deu cria, se ela não deu cria, ela vai dar ano que vem (Entrevistado 08)”.

Em síntese, o histórico familiar dos entrevistados da Associação de Produtores do Rincão do 28 em Alegrete está associado à pecuária e em menor medida às rotinas anteriores. Vários são os destaques quanto ao “desuso” de práticas realizadas, até por eles mesmos em momentos anteriores, apesar de observações que refletem continuidades, como o olhar sob a atividade ovina. Em relação às trajetórias de cada um na atividade, notam-se três principais ocorrências: pecuaristas familiares que iniciam sua própria pecuária nas terras de seus familiares, estando presentes desde a infância; aqueles que saem das propriedades de seus familiares para a prestação de serviços a terceiros e retornam, bem como os que acessam à terra por compra sem a vinculação com a propriedade familiar.

#### 4.2 Trajetórias na pecuária: participantes do *RS Biodiversidade* em Alegrete

Este caso, traz alguns participantes do programa *RS Biodiversidade* como um caso de inovação em processo produtivo, visto que a principal mudança faz referência à técnica proposta

pelo projeto focada no manejo nutricional a partir do pastoreio rotativo. Buscou-se pesquisar pecuaristas familiares que após a vigência do projeto, entre 2011 e 2016, deram continuidade ao sistema de pastoreio rotativo implantado. Destaca-se que tal continuidade está associada à várias adaptações realizadas pelos pecuaristas familiares, em virtude de suas experiências com o manejo dos animais, escassez de recursos, inclusive de mão de obra.

Quanto ao histórico familiar na pecuária, estes participantes trazem semelhanças ao caso anterior, tanto em relação aos históricos associados aos trabalhadores do campo, aos que têm relação com a propriedade da terra e, inclusive, com a situação particular do entrevistado que teve seu avô envolvido com atividade de segurança pública no rural. O entrevistado 09 revela essa aproximação específica (“Meu pai era inspetor de polícia do pessoal de campanha”) e focaliza que a propriedade da terra em que realiza sua atual atividade não possui vínculo com as gerações de seus avós, pois é oriunda da herança do seu pai, dado o falecimento de sua primeira esposa, mas a pecuária de corte era desenvolvida.

A relação com a prestação de serviços e a propriedade da terra em geração anterior é destacada pela entrevistada 10, visto que o pai trabalhava no estabelecimento do avô, mas com seu casamento passou a prestar serviços em outras fazendas; situação que se repete na trajetória da entrevistada. A compra de terras entre gerações também está presente, pois o pai comprou do avô as terras que hoje são herança da entrevistada. Ainda que tenha trabalhado em outras propriedades rurais com o marido, atualmente, a entrevistada desenvolve atividade própria na terra que recebeu por herança. Nesta situação, estão presentes tanto a relação com a propriedade da terra quanto a prestação de serviços para terceiros.

O entrevistado 11 saiu da propriedade apenas para prestar o serviço militar obrigatório, mencionando que a propriedade da terra, em que desenvolve sua atividade, anteriormente era de seus pais. O entrevistado 12 também destaca o vínculo desde a infância com a atividade, porém, não há relação com a propriedade da terra, pois foi criado pela mãe e pelo tio e ao desenvolver sua atividade, voltou-se à prestação de serviços e criação em áreas de seus patrões.

Na entrevista 13, o casal participante destacou a vivência na pecuária a partir das relações histórico-familiares. A entrevistada trouxe a relação da mãe com a pecuária leiteira e a produção artesanal de queijos, assim como o envolvimento do pai com o comércio local. O início da trajetória do casal na atividade própria, parte dessa aproximação com a venda da chamada “quitanda”, situação que atualmente não ocorre mais. De início, o marido prestava serviços em fazendas, a esposa se dedicava à produção de hortifrutigranjeiros e residiam na propriedade dos pais do marido, mantendo alguns animais. Com o falecimento do sogro, receberam uma pequena

área de herança e venderam todos os seus animais para adquirirem mais 14 hectares. A produção pecuária se reinicia, pois, o casal tinha um vizinho que trabalhava com vaca de invernar e este dava os terneiros para a entrevistada criá-los.

É importante pontuar que essa é uma situação particular dentre as trajetórias analisadas da pecuária familiar. Na literatura, a prestação de serviços em estâncias e outros estabelecimentos rurais é reconhecida como uma das formas que originaram a pecuária familiar, porém a relação com o cultivo de hortas, e especialmente para a comercialização, é mencionada por poucos pecuaristas. Matte (2017) encontra poucas citações sobre os produtos de horta e, quando os são, destinam-se ao autoconsumo. A autora observa a inviabilidade da venda destes produtos em função da perecibilidade, distâncias até os centros urbanos e irregularidade de oferta; tanto é que a atividade não se mantém hoje em dia. A nora do entrevistado 09, de modo semelhante, traz o vínculo com atividades de fabricação de outros produtos (doces, biscoitos, pães, mel) que não a pecuária.

A trajetória na pecuária do entrevistado 12 está associada à dinâmica da prestação de serviços a terceiros e criação nas áreas dos patrões, semelhantes a um dos entrevistados do primeiro caso. Por volta de 2006, iniciou o arrendamento de terras para desenvolver sua própria produção de modo independente das áreas dos patrões. No momento, arrenda uma área em parceria com uma sobrinha. Na conversa, o entrevistado comenta sobre a tentativa em inserir-se na agricultura a partir da produção de milho, mas conclui como atividade inviável: “O primeiro ano que eu vim pra cá, arrendei, tive uma plantaçãozinha desses milhos, essas coisa aí, mas o cara tem que fazer aquilo que gosta, aquilo que sabe né [...]. Não é a minha área, não é [...] com plantação eu não pago arrendamento.” (Entrevistado 12).

A reflexão do entrevistado perpassa desde a relação pessoal com a atividade até o reconhecimento de não haver saberes acumulados para o desenvolvimento da agricultura, por exemplo. Isso concorda com o que Dosi e Nelson (1994) trazem sobre a relação direta da característica *path dependence* com o acúmulo de aprendizagem, visto que o processo de aprendizagem está condicionado às trajetórias anteriores das firmas. Portanto, a busca por conhecimentos, e o consecutivo acúmulo de aprendizados, estará direcionada à pecuária, presente no histórico familiar dos entrevistados, seja por meio da propriedade da terra ou prestação de serviços. Em suma, ainda que as mudanças dentro da pecuária sejam pouco percebidas, o acúmulo de aprendizagem irá reconduzir, vagarosamente, as rotinas dentro da mesma atividade.

No tocante às rotinas e práticas na pecuária de gerações anteriores, os participantes, de modo geral, se diferenciam do caso anterior. As respostas estão centradas na aplicação de rotinas aprendidas com a inclusão de práticas atuais e nenhum entrevistado mencionou as práticas tradicionais da produção na pecuária como no caso anterior: “Sempre aplica o que aprendeu mais o que vem de novo. A gente vai acrescentando, vai melhorando (Entrevistado 12)”.

As ações transmitidas fazem referência algumas práticas agrícolas. Outra questão a ser acrescentada é que, neste caso, alguns entrevistados resguardam, seja atualmente ou em momentos passados, trajetórias próximas de uma pecuária familiar mais diversificada que o caso anterior (Entrevistado 09 e Entrevistado 12) em termos de produtos agrícolas (mel, leite, doces, quitanda...), evidenciando as memórias de aprendizagens nessas práticas agrícolas.

Em resumo, os históricos familiares estão associados à prática pecuária, alguns observando a trajetória familiar a partir das lidas na propriedade da família, outros na prestação de serviços para terceiros. Da mesma forma, as trajetórias na atividade trilham caminhos semelhantes aos percorridos por seus familiares, guardadas algumas especificidades: continuidade na propriedade familiar, saída para prestação de serviços e retorno, prestação de serviços e atividade própria, excluindo a propriedade de terra familiar. Já as rotinas e práticas de gerações anteriores são associadas às atividades do trabalho agrícola, possivelmente, em função do autoconsumo como identifica-se em um depoimento: “Boi manso pra plantar cercado (Entrevistado 13b)”, expressão utilizada em referência às lavouras e hortas para autoconsumo.

#### 4.3 Trajetórias na pecuária: participantes que realizam cruzamento entre raças ovinas em Santana do Livramento

Este caso investiga pecuaristas familiares que realizam cruzamentos entre raças de ovinos, configurando como processo inovativo em produto, ou até mesmo em processo. Entende-se a realização desta técnica, como processo inovativo na pecuária familiar, especialmente, ao pensá-la para as especificidades desse sistema produtivo, afinal, como se observou em depoimentos anteriores, a ovinocultura é, geralmente, secundarizada; introduzir práticas, a exemplo do cruzamento racial, demonstra o redirecionamento das preocupações produtivas na pecuária familiar, evidenciando processos de mudanças.

Os históricos familiares dos entrevistados deste caso trazem trajetórias semelhantes aos casos anteriores, permeando diferentes percursos entre as duas principais dinâmicas encontradas: origens em trabalhadores rurais e origens em propriedade da terra. Dentre os participantes, dois relataram a relação de gerações anteriores com a pecuária. Contudo, as

origens de seus estabelecimentos rurais não estão atreladas à herança de seus familiares. Nesta situação, o entrevistado 14 revelou que seu pai era trabalhador rural na pecuária, no entanto não adquiriu terras e, de modo semelhante, o entrevistado 18 destaca a relação com a pecuária desde seus bisavôs, mas independente de heranças, tendo em vista que o acesso às suas terras foi realizado totalmente por intermédio da compra de terceiros.

A vinculação dos históricos familiares na pecuária à prestação de serviços no rural é predominante dentre os participantes deste caso. Mesmo que parte dos entrevistados tenha acessado a terra por meio de heranças, a relação das gerações anteriores com a pecuária está diretamente associada com a prestação de serviços: “Ele (pai) iniciou de empregado e depois contava com seus 40 e poucos anos conseguiu vender e comprar [...]. E aí quando ele faleceu, eu assumi (Entrevistado 15)”; “Começaram de funcionário (avô e irmão) ali, aquilo era de uns uruguaios e aí com o tempo eles foram adquirindo (Entrevistado 19).

Nota-se que a origem da pecuária remonta à prestação de serviços de duas a três gerações anteriores. Nos demais entrevistados, as gerações anteriores também são resgatadas, porém com uma relação mais distante à prestação de serviços. Um dos entrevistados menciona que seu pai recebeu de seu avô uma parcela de terra assim que se casou, salientando que a família sempre foi envolvida “com a própria pecuária”. Outro entrevistado (Entrevistado 17) destacou que, desde seus bisavôs, a atividade é desenvolvida em terras próprias e, ao longo do tempo, nas palavras do entrevistado, a “reforma agrária familiar” foi sendo realizada.

A relação com a propriedade da terra e a transferência entre gerações são evidentes; ainda se presume uma grande quantidade inicial, pois sua herança é de aproximados 200 hectares, correspondendo à quarta geração. A literatura destaca essa configuração como um dos formatos históricos de origem da pecuária familiar, isto é, grandes propriedades que foram sendo reduzidas dado o número de herdeiros (FERNANDES; MIGUEL, 2016).

As trajetórias na pecuária dos entrevistados dão sequência às trajetórias de seus antecessores. O entrevistado 14 inicia as atividades auxiliando o pai na prestação de serviços rurais, dos oito aos 12 anos de idade, em que suas receitas eram totalmente destinadas aos gastos da família. Por volta dos 17 anos, começa a trabalhar para o próprio sustento, seguindo a trajetória do pai na prestação de serviços a terceiros. Semelhante a outros casos, recebe duas novilhas do antigo patrão, iniciando a própria pecuária, assim como também recebe três ovelhas doadas. Nesse sentido, complementa a renda com a prestação de serviços, reduzindo a carga de trabalho com a aposentadoria, mas ainda realiza atividades complementares.

De modo semelhante, o entrevistado 18 iniciou a própria pecuária com 18 anos, com poucos animais; na época era agregado de uma estância e aos poucos começou a comprar suas terras, inclusive, de ex-patrões. Ao se estabelecer em sua propriedade, inicialmente, levava de carroça alguns cultivos (batata, milho) para venda na cidade. O entrevistado destaca que a produção era completamente orgânica a partir do aproveitamento dos resíduos da mangueira (esterco dos animais) como adubo. Após sete anos, inicia a venda de cordeiros para uma antiga cooperativa, assim como vendia a lã para outra cooperativa, a qual era associado; nesse período também realizava a venda de leitões, em especial na época das festas de final de ano. Atualmente, aposentado, dedica-se exclusivamente à atividade pecuária.

A trajetória do entrevistado 15 também permeia a prestação de serviços para terceiros, num primeiro momento em outros municípios, mas dado o falecimento do pai, assume a propriedade rural, estabelecendo uma relação de assalariamento em estabelecimentos rurais próximos à propriedade de herança, a qual reside atualmente. O participante 15, assim como o entrevistado 16, entrevistado 19 e entrevistado 20, embora tenham dado continuidade à atividade pecuária originária em gerações anteriores, perpassaram uma realidade distinta da maioria dos demais participantes, pois se deslocaram do rural, onde cresceram a infância, para realizarem os estudos; dois retornaram para as residências no rural e dois conciliam a pecuária com atividades desenvolvidas na cidade.

Em relação à aplicação de rotinas e práticas de gerações anteriores, o entrevistado 14 menciona que as práticas e os aprendizados que ficam fazem referência aos cuidados com os animais, o trato, conhecimento de alguma doença, assim como a lida que faz o campo render. Nesse sentido, o entrevistado 18 comenta aplicar lidas aprendidas com seus pais; o exemplo que resgata traz a plantação de milho, seja para consumo próprio ou animal, em que realiza pequenas plantações com o arado e cavalo.

O entrevistado 19 desenvolve a produção de lã, pois tem a atividade como originária em gerações anteriores, inclusive, a permanência nas raças Merino e Ideal já criadas por seu avô e depois por seu pai, sobretudo, em razão de que no Rio Grande do Sul a produção de ovinos com foco específico na lã seja mais escassa. Os entrevistados 16, 17 e 20 afirmam terem aprendido várias práticas da pecuária com as gerações anteriores, ao mesmo passo que notam necessidade de aliar com as práticas e técnicas recentes: “A gente procura aliar o sistema antigo à tecnologia, mas o sistema antigo muita coisa a gente é obrigado a recorrer (Entrevistado 16)”; “A ideia básica é a mesma, só muda um pouco as técnicas, a maneira, as coisas novas que aparecem (Entrevistado 20)”.

A fala do entrevistado 16 resgata a citação de Winter (2017, p. 1) sobre as “misturas intermináveis, fascinantes e muitas vezes paradoxais de mudança e continuidade”, especialmente por ora o participante mencionar a aplicação de práticas anteriores em sua atividade, sobretudo aliadas às tecnologias atuais e revisitar a inevitabilidade das práticas passadas. Fica evidente esse “ir e vir” entre passado e presente que a literatura busca trazer como um dos direcionadores dos processos de mudanças, assim como delineadores daquilo ora entendido como inovação em determinado sistema produtivo.

O comentário do entrevistado 20 caminha nesse mesmo sentido salientando que “a ideia básica”, entendida como a atividade pecuária (ainda mais quando evidenciados os históricos e trajetórias familiares) permanece. Entretanto, as técnicas são os elementos de mudança, aqueles que trazem as modificações, gerando as variações dentro da pecuária e resultando, por conseguinte, em novos formatos de desenvolver a pecuária familiar.

## **5 Considerações finais**

Este artigo analisou as trajetórias históricas na pecuária familiar trazendo evidências de mudanças ocorridas, através das falas dos entrevistados. Embora em um ritmo menor que sistemas produtivos mais intensivos, pode-se constatar que a pecuária familiar está inserida em processos de mudanças, demonstrando sua capacidade de adaptação aos cenários agrários constantemente em transformação. As trajetórias históricas nas unidades da pecuária familiar resgatam práticas, técnicas e formatos da atividade que pouco são admitidos, pelo menos por parte dos entrevistados. Em contrapartida, algumas memórias das unidades familiares estão presentes nas práticas cotidianas ora ponderadas como necessárias à mudança, ora nem percebidas como contrárias às atualidades da atividade. Além disso, há práticas “mistas” que mesclam saberes de uma pecuária do passado com técnicas aprendidas no presente. Todos esses elementos traçam os contornos da atividade no presente.

Os percursos analisados são permeados pela presença dessas rotinas e suas modificações evidenciando processos de mudanças vivenciados pela pecuária familiar ao longo de suas trajetórias. As próprias mudanças nas rotinas e os aperfeiçoamentos em práticas específicas são considerados como inovações (NELSON; WINTER, 2005), as quais são responsáveis pelas variações nas firmas conduzindo as adaptações aos cenários dinâmicos (CORAZZA; FRACALANZA, 2004), por vezes, influenciadores desses processos de mudanças. A identificação das origens das

atividades pecuárias desenvolvidas pelos entrevistados, as práticas realizadas em momentos anteriores e as práticas atuais, demonstram tais movimentos nas rotinas na pecuária familiar.

Nesse contexto, Milone (2009) destaca que atualmente os agricultores, de um modo geral, estão cada vez mais submetidos a processos de mudanças conforme a complexificação dos ambientes em que estão inseridos, especialmente com a expansão institucional que regula, direta e indiretamente, a produção e as trocas que ocorrem nos espaços rurais. Todavia, o autor salienta que se encontram novidades que não estão condicionadas a esses processos de mudanças, pelo contrário, podem ser respostas de estilos agrícolas que não incorporaram modelos normativos, ou até mesmo, falhas do regime tecnológico dominante em determinadas áreas rurais; “por essa razão, tais novidades têm sua própria história e seu próprio caminho de desenvolvimento [...]” (MILONE, p. 58, 2009, tradução nossa): em suma, o que pode ser observado nas trajetórias analisadas. Os processos de mudanças e os processos inovativos são distintos daqueles tecnicamente conhecidos, demandando, por exemplo dos agentes de extensão e desenvolvimento rural, o reconhecimento de suas experiências, trajetórias e aprendizados como constituintes na construção de estratégias que os auxiliem a superar suas fragilidades e fortalecer suas potencialidades.

## Referências

ALDRICH, H. E.; MARTINEZ, M. A. Many are Called, but Few are Chosen: An Evolutionary Perspective for the Study of Entrepreneurship. In: CUERVO, Á.; RIBEIRO, D.; ROIG, S. (Eds.). **Entrepreneurship: Concepts, Theory and Perspective**. Berlin, Heidelberg: Springer Berlin Heidelberg, 2007. p. 293–311.

ALSOS, G. A.; CARTER, S.; LJUNGGREN, E. Kinship and business: how entrepreneurial households facilitate business growth. **Entrepreneurship & Regional Development**, Aberdeen, v. 26, n. 1-2, p. 97 – 122, 2014.

BOULDING, K. E. Agricultural economics in an evolutionary perspective. **American Journal of Agricultural Economics**, Worcest, v. 63, n. 5, p. 788-795, 1981.

CORAZZA, R. I.; FRACALANZA, P. S. Caminhos do pensamento neo-schumpeteriano: para além das analogias biológicas. **Revista Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 127 – 155, 2004.

DOSI, G.; NELSON, R. An introduction to evolutionary theories in economics. **Journal of Evolutionary Economics**, v. 4, p. 153-172, 1994.

ELIAS, D. Agronegócio e reestruturação urbana e regional no Brasil. In: BÜHLER, Eve Anne; GUIBERT, Martine; OLIVEIRA, Valter Lúcio. **Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

FERNANDES, L. A.; MIGUEL, V. D. A presença histórica da pecuária familiar na região da campanha do Rio Grande do Sul (Santana do Livramento, século XIX). In: WAQUIL, P. D. *et al.*

(Orgs.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

FILIPPE, E. S. As instituições e os neoschumpeterianos: a noção de aprendizado a partir do pilar cognitivo da Instituições. **Pesquisa & Debate**, v. 19, n. 1 (33) p.15-32, 2008.

FREDIN, S. New perspectives on innovative entrepreneurship and path dependence – a regional approach. **Center for Strategic Innovation Research**, n. 6, p. 1-18, 2013.

FREITAS, G. S. Tecnologia no setor agrícola brasileiro: um olhar sob a ótica da teoria evolucionária. **Revista Eletrônica de Administração e Turismo – ReAT**, v. 2, n. 1, p. 140-154, 2013.

LANGBECKER, T. B. Trabalho e gênero: mulheres na atividade pecuária familiar no município de Encruzilhada Do Sul/RS. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MATTE, A. **Convenções e mercados da pecuária familiar no sul do Rio Grande do Sul, Brasil**. 2017. 292 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

MCELWEE, G. The enterprising farmer: a review of entrepreneurship in agriculture. **Journal of the Royal Agricultural Society of England**, v. 167, p. 2006.

METCALFE, J. S. Entrepreneurship: An Evolutionary Perspective. In: BASU, A.; CASSON, M.; WADESON, N.; YEUNG, B. (Eds). **The Oxford Handbook of Entrepreneurship**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

MIELITZ, C. G. A. A modernização da bovinocultura de corte brasileira. **Ensaio FEE**, v. 16, n. 1. p. 66-104, 1995.

MILAGRES, R. Rotinas e redes: o caso Genolyptus. **REUNA**, v.19, n.1, p.105-122, 2014.

MILONE, P. **Agriculture in transition: a neo-institutional analysis**. Perugia: Van Gorcum, 2009.

NELSON, R. Economics from an evolutionary perspective. In: NELSON, R. **Modern Evolutionary Economics: an overview**. New York: Cambridge, 2018.

NELSON, R.; WINTER, S. **Uma teoria evolucionária da mudança econômica**. Tradução de Cláudia Heller. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

OLIVEIRA, G. N. **O processo decisório na adoção de inovações na vitivinicultura da Serra Gaúcha – o Caso da Apromontes**. 2014. 272 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014.

OSÓRIO, H. Pastores e lavradores do Rio Grande, séculos XVIII e XIX. In: WAQUIL, P. D. *et al.* (Orgs.). **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

OVERBECK, G. *et al.* Fisionomia dos campos. In: PILLAR, V. P.; LANGE, O. (Eds.). **Os Campos do Sul**. Porto Alegre: Rede Campos Sulinos/UFRGS, 2015.

PEREZ, C. Technological revolutions and techno-economic paradigms. **Cambridge Journal of Economics**, v. 34, p. 185-202, 2010.

PIRES, A. P. Amostragem e pesquisa qualitativa: ensaio teórico e metodológico. In: POUPART, J. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

POSSAS, M. L.; SALLES-FILHOS, S.; SILVEIRA, J. M. An evolutionary approach to technological innovation in agriculture: some preliminary remarks. **Research Policy**, v. 25, p. 933-945, 1996.

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. 2009. 303 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SUERTEGARAY, D. M. A.; SILVA, L.A. P. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: PILLAR, V. P. *et al.* (Orgs.) **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009.

TEECE, D. As aptidões das empresas e o desenvolvimento econômico: implicações para as economias de industrialização recente. In: KIM, L.; NELSON, R. **Tecnologia, aprendizado e inovação: as experiências das economias de industrialização recente**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

TIGRE, P. B. Inovação e teorias da firma em três paradigmas. **Revista de Economia Contemporânea**, n. 3, p. 67-111, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1987.

VERGNE, J. P.; DURAND, R. The path of most persistence: an evolutionary perspective on path dependence and dynamic capabilities. **Organization Studies**, v. 32, n. 3, p. 1-18, 2011.

VIANA, J. G. A.; WAQUIL, P. D. Uma perspectiva evolucionária da economia agrícola: o caso da produção ovina no Brasil e Uruguai. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 52(3), 471-494. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-20032014000300004>. 2014.

VIEIRA-FILHO, J. E. R.; SILVEIRA, J. M. F. J. Modelo evolucionário de aprendizado agrícola. **Revista Brasileira de Inovação**, v. 10, n. 2, p. 265-300, 2011.

WINTER, S. Pursuing the evolutionary agenda in economics and management research. **Cambridge Journal of Economics**, v. 41, n. 3, p. 721-747, 2017.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.